

De pesquisador a empresário da bioinformática

João Meidanis, professor da Unicamp, fundou a primeira e única empresa brasileira da área

EVANILDO DA SILVEIRA

Quando era criança e alguém perguntava a João Meidanis o que iria ser quando crescesse, ele não tinha dúvidas: geógrafo, respondia. A razão estava no livro de Geografia que usava na escola. Nele havia explicações sobre a posição e o movimento dos planetas, baseadas na Lei de Kepler, descoberta pelo astrônomo alemão Johannes Kepler (1571-1630). "Eu achava aquilo fascinante", lembra. "Como alguém chegou a descobrir que a área varrida por um planeta em sua órbita ao quadrado é proporcional ao cubo do tempo de sei lá o quê?"

Pois foi esse fascínio pelos números e cálculos complicados que acabou traçando o destino do hoje consagrado matemático e um dos pioneiros da bioinformática no Brasil, professor do Instituto de Computação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e fundador da Scylla Bioinformática, a única empresa brasileira na área. "No fundo, o que me impressionava eram as relações matemáticas, mas como estavam no livro de geografia eu pensava que gostasse de Geografia", diz.

Filho de pais gregos, nascido no bairro paulistano da Pompéia, na zona oeste, em 27 de agosto de 1960, Meidanis hoje vive em Campinas, para onde se mudou em 1986 para dar aulas e pesquisar na Unicamp. Em 2002, depois de ter coordenado a parte de bioinformática dos Projetos Genoma da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ele resolveu dar uma guinada em sua vida. Trocou o regime de trabalho na Unicamp de dedicação integral para parcial e, com quatro ex-alunos como sócios e financiamento da Votorantim Novos Negócios, empresa de capital de risco do Grupo Votorantim, criou a Scylla.

Com isso, Meidanis tornou-se um dos pioneiros de uma tendência que começa a se firmar no País: a de pesquisadores que deixam as universidades para fundar pequenas empresas de base tecnológica. Além da Scylla, há mais dois exemplos, a Alellyx e Canavialis, ambas criadas por pesquisadores que participaram dos Projetos Genoma da Fapesp e dedicadas a melhoria genética de plantas agrícolas.

Embora tenha a mesma origem, a Scylla enveredou por outro caminho. "Desenvolvemos produtos, basicamente softwares, para suporte à pesquisa nas áreas genômica, proteômica e de biologia molecular", explica Meidanis. "Nosso principais clientes são empresas que podem se beneficiar dos dados gerados pelos projetos de sequenciamento de genoma feitos no Brasil, como as ligadas à produção

de papel e celulose, à produção de suco de laranja, e as usinas de açúcar e álcool."

Números - A origem da opção de Meidanis pela bioinformática pode ser encontrada em sua infância. Nesse período da vida ele não se cansava de exercitar seu gosto por números. "Quando acabava o ano letivo (na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Presidente Roosevelt) e o livro de Matemática não havia sido totalmente concluído, eu lia as partes faltantes sozinho e aprendia", conta. "Logo os meus livros não eram mais suficientes e passei então a pegar os da minha irmã, dois anos mais velha, e depois a comprar e a frequentar bibliotecas públicas."

Como uma coisa puxa a outra, a paixão pelos números o levou a se interessar também por calculadoras e computadores. "Um fato marcante de minha adolescência foi meu primeiro contato com uma cal-

culadora eletrônica programável", recorda. "E nem era minha, mas da minha irmã. Eu pegava a máquina e seguia as instruções do manual, mas não conseguia fazer ela executar um programa."

Um dia seus esforços foram recompensados. "Quando a coisa deu certo e vi o painel da maquininha piscando freneticamente, parando alguns segundos depois com o resultado de uma longa sequência de operações, fiquei maravilhado", lembra. "Foi aí que percebi o poder da programação: você mandar uma máquina fazer as coisas e ela fazer tudo sem te perguntar mais nada, usando sua velocidade integralmente, sem ser barrada pela lentidão do programador."

Base matemática - Quando chegou a hora de entrar na faculdade ninguém que o conhecia se surpreendeu com sua escolha. Meidanis optou pelo Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade de São Paulo (USP), onde o primeiro ano de curso era comum a quatro carreiras - matemática, matemática aplicada, estatística e compu-

tação. "Ao fim do primeiro ano tive de optar entre matemática e computação", conta. "Escolhi a primeira, principalmente porque o curso era mais curto e eu queria me formar logo."

Mas também houve pelo menos duas outras razões para a escolha. "As pessoas que queriam fazer computação estavam mais interessadas numa carreira de futuro, no dinheiro que ela poderia dar a elas", diz. "No meu caso, eu só queria aprender." O outro motivo que o levou a optar por matemática era a convicção de que essa ciência lhe daria uma base sólida para realizar seu sonho de "conhecer a mente humana". "Para isso, eu precisaria estudar psicologia, que depende da biologia, que depende da química, que depende da física, que depende da matemática", explica. "Então, pensava eu, deveria começar pela matemática. Se desse tempo, depois estudaria o resto."

Não chegou a tanto, mas foi longe na sua área. Depois de concluir a graduação, recebendo o prêmio de melhor formando do IME em 1980, Meidanis terminou um mestrado

em Matemática na USP, em 1984, e outro em Ciência da Computação, em 1989, na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, mesma instituição e área em que se doutorou, em 1992.

Antes disso, entre 1984 e 1985, ele teve uma breve experiência na iniciativa privada, trabalhando como analista de software em duas empresas de São Paulo. "O trabalho não era ruim", lembra. "Eu poderia estar lá até hoje, não fosse um encontro casual com o professor Cláudio Lucchesi, da Unicamp, figurão internacional da computação, numa feira de informática. Eu estava lá representando a empresa para a qual trabalhava na época. Ele me disse que a Unicamp estava contratando jovens com mestrado para o seu departamento de computação. Seis meses depois eu estava lá."

Do período em que fez o doutorado nos Estados Unidos, Meidanis só guarda boas

recordações. "Ah, o doutorado. Que saudade!" escreveu ele, numa breve memorial que teve de fazer para um concurso de professor livre-docente na Unicamp em 1986. "Máquinas à vontade, pacotes para tudo, correio na porta, neve (por que não? é legal também), bibliotecas com TODOS os periódicos e SEM números faltando... Um paraíso. E mais uma coisa e-mail, que ainda não tinha no Brasil."

Livro mundial - Apesar desse entusiasmo, concluído o doutorado ele resolveu deixar o paraíso e voltar ao Brasil, em 1992. Trouxe na bagagem muito conhecimento na área de bioinformática, que introduziu na Unicamp e começou a repassar para seus alunos e o público em geral. Junto com seu colega e também pioneiro da bioinformática no Brasil, João Carlos Setúbal, lançou, em 1996, pela editora americana PWS Publishing Company, o livro *An Introduction to Computational Biology*, versão ampliada do trabalho em português *Uma Introdução à Biologia Computacional*, publicado dois anos antes. O livro em inglês é hoje uma obra de referência mundial na área.

Depois de cinco anos dando aulas e teorizando sobre bioinformática, surgiu a chance de Meidanis pôr em prática seus conhecimentos na área. "Fui convidado para cuidar da parte de bioinformática dos Projetos Genoma da Fapesp", conta. "Participei do sequenciamento dos genomas das bactérias *Xylella fastidiosa* e *Xanthomonas citri*, que causam doenças em cítricos, e da cana-de-açúcar.

Esse período também serviu para Meidanis perceber as dificuldades que um pesquisador de uma instituição pública tem de enfrentar para realizar uma pesquisa com potenciais aplicações práticas. "O primeiro obstáculo é o descompasso entre o trabalho que se faz e o salário que se recebe", diz. "Depois, é impossível contratar colaboradores, devido à burocracia e aos aspectos legais. Como se não bastasse, por causa disso, tudo é mais demorado e complicado."

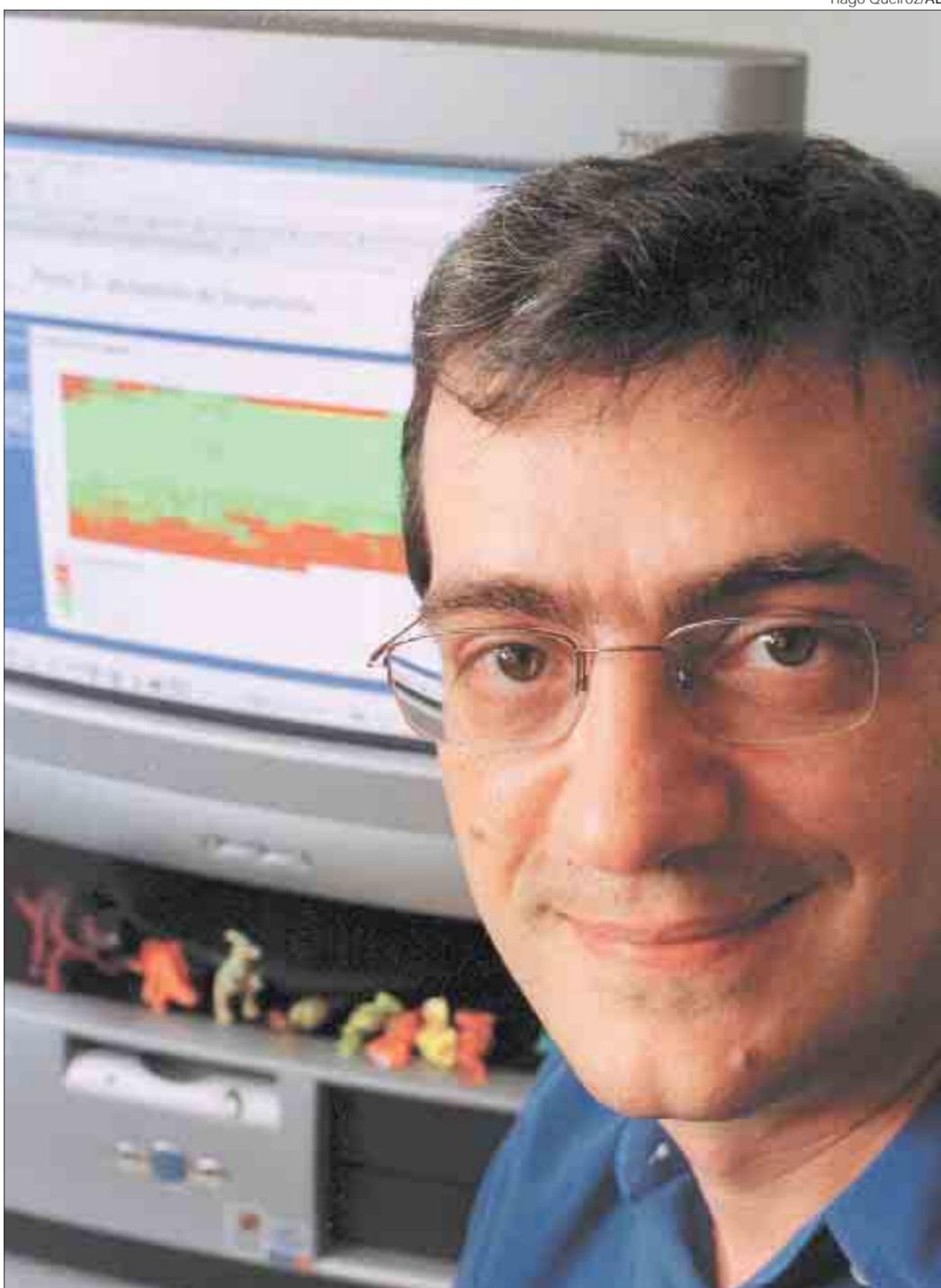
Durante os três anos em que esteve mergulhado nesse quadro, surgiu e amadureceu em Meidanis a idéia de criar uma empresa.

"Eu achava que o conhecimento que a gente estava gerando precisava ser passado para sociedade", diz. "É era muito difícil fazer a partir da universidade. Eu queria ver as

coisas acontecerem de forma mais rápida. Por isso criamos a empresa."

Hoje o matemático e bioinformata se considera mais empresário que pesquisador. "Acho que estou usando minhas capacidades no lugar em que elas são mais necessárias", diz. "As universidades estão relativamente bem. A interface entre pesquisa e produção é que está meio fraca e precisa ainda de um grande empurrão no Brasil. Acho que é aí que posso dar minha contribuição."

Bem sucedido na carreira de pesquisador e bem encaminhado na de empresário, Meidanis agora tem novos planos na sua vida pessoal. Separado da primeira mulher, com quem viveu de 1985 a 1995, ele se casou novamente em 1998 e agora, aos 43 anos, pretende ter seu primeiro filho. "Não os tive antes porque não me achava preparado para criá-los", diz. "Hoje sinto que estou. Vou dar seguimento à minha linhagem." (E.S.)



Tiago Queiroz/AE

O bioinformata João Meidanis: "Desenvolvemos produtos, basicamente softwares, para suporte à pesquisa nas áreas genômica, proteômica e de biologia molecular"

GEOGRAFIA
ERA UM
SONHO DE
CRIANÇA

Os novos desafios: regular o humor e ter um filho

Entre outras coisas, Meidanis agora aprende a lidar com a 'biodiversidade' de sua companhia

Quem vê o bioinformata João Meidanis dando aulas, numa roda de amigos ou num evento social, custa a acreditar que por trás do piadista e do homem de tiradas espirituosas existe um tímido. "É verdade, sou tímido", jura. "Uso as piadas como disfarce." Tanto que mesmo velho amigos se confundem. "As vezes é difícil saber se ele está brincando ou falando sério", diz a matemática Deborah Raphael, professora do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade de São Paulo

(USP), amiga desde os tempos de faculdade. "É preciso olhar muito bem para ele para tentar descobrir."

Agora, no entanto, em sua nova atividade como empresário, Meidanis luta para controlar sua veia humorística. "Tenho de tratar com clientes, financiadores, subordinados", diz. "Já percebi que não posso fazer piada o tempo todo. Se não perco a credibilidade."

Além de regular o humor, ele também está tendo que aprender várias outras coisas nessa nova fase de sua vida. "Sou um aprendiz de empresário", diz. "Estou aprendendo legislação e a lidar com pessoas, com os diretores da empresa, conselho, funcionários. É complicado. A 'biodiversidade' numa empresa

é maior que na universidade."

Quem o conhece, entretanto, não tem dúvida de que ele se sairá bem na nova carreira. "O João é de uma competência ímpar", elogia Pedro Tonelli, professor do IME, ex-colega de Meidanis na graduação e mestrado na USP. "Ele tem talento gerencial porque valoriza a opinião dos outros. É de se esperar que ele dê certo como empresário. Ele é brilhante."

Esse mesmo adjetivo é usado pelo biólogo Fernando Reinach, diretor-executivo da Votorantim Novos Negócios, empresa de capital de risco que financiou a criação da Scylla Bioinformática, empresa de Meidanis. "Ele é muito talentoso, um dos grandes sujeitos do Brasil e do mundo", diz. "Seu livro (*An*

Oferta do
Sistema Fácil®
nos Classificados
de hoje.

TAMBORÉ

Casas isoladas
de 4 e 5 Suítes em
Condomínio Fechado

www.exclusivehouses.com.br

Veja na pág. 13 capa do 2º Caderno de Imóveis